

Resumo: A partir do histórico de como nasceu a Jornada Mundial da Juventude, o artigo busca resgatar a natureza, os objetivos e as temáticas dessas celebrações da fé, iniciadas com uma proposta apresentada na década de 80. O texto também aborda a relação dos papas João Paulo II e Bento XVI com os milhares de jovens reunidos nesses encontros. Quais são os principais problemas de tal encontro, e os desafios que ele enfrenta. E, enfim, quais frutos a Jornada Mundial da Juventude traz aos jovens.

Palavras-chave: Juventude, jovens, Jornada Mundial da Juventude, JMJ, João Paulo II, Bento XVI, unidade, evangelização.

Abstract: Starting with the history of the World Youth Journey, the paper aims at rescuing the nature, the purposes and the themes of these celebrations of faith, started with a proposal presented in the 80 decade. The paper explores also the relation of the popes John Paul II and Benedict XVI with the thousands of young men and women assembled in these meetings. Which are the main problems of such gathering, and the challenges it encounters. Finally, which are the fruits the World Youth Journey brings to the young.

Jornada Mundial da Juventude Nova Evangelização em ação

*Anísio José Schwirkowski**

* Presbítero do Sagrado Coração de Jesus (dehonianos), desde 2005. Especialista em Teologia Pastoral e Comunicação Social. Mestre em Pastoral Juvenil e catequese. Foi postulador da candidatura do Brasil para uma JMJ. Atualmente é vigário na Paróquia N. Sra. de Copacabana e membro do COL-JMJ (Comitê Organizador Local).



1 A origem das JMJs

Mais de 300 mil jovens do mundo inteiro responderam a um convite. O anfitrião os havia chamado para o “Jubileu Internacional da Juventude”, no Domingo de Ramos. A proposta foi contra a opinião de vários, como contou em uma entrevista em julho de 2008 o cardeal Paul Josef Cordes, hoje presidente do Conselho Pontifício «Cor Unum», naquele momento vice-presidente do Conselho Pontifício para os Leigos¹.

O ano da Juventude

As Nações Unidas declararam o ano de 1985 como “Ano Internacional da Juventude”. Ficou claro em Roma que deveria haver outro encontro dos jovens de todo o mundo com o Papa. O tempo foi curto, e trabalhou-se intensamente. Dessa vez, mais de 250 mil jovens responderam ao convite do Papa, comparecendo em Roma no Domingo de Ramos. Uma semana depois do encontro com os jovens, o papa anunciou que as Jornadas Mundiais da Juventude passariam a realizar-se periodicamente.

A primeira Jornada Mundial da Juventude

Assim nasceu uma ideia que se espalhou pelo mundo. A Jornada Mundial da Juventude foi celebrada pela primeira vez, de maneira oficial, no Domingo de Ramos de 1986, em Roma. A partir de 1987 e depois, a cada dois anos, como regra geral, organiza-se o evento em algum lugar

¹ “Quanto mais se aproximava a primeira Jornada da Juventude, tanto mais fortes se manifestavam as resistências externas. De algumas dioceses que havíamos convidado, chegavam comentários críticos, como: «Não é competência do Vaticano ocupar-se de nossos jovens». O prefeito (comunista) de Roma cancelou na última hora autorizações já concedidas, de maneira que não foi possível preparar o previsto acampamento no parque Pineta Sacchetti de Roma, nem instalar ali os alojamentos designados. Aos ecologistas se associaram jornalistas para dar o alarme sobre a imediata devastação de jardins e áreas públicas da cidade. Apareceram artigos de jornal com títulos do tipo «Chegam os Hunos». E, contudo, apesar de nossa total inexperiência quanto a mega-reuniões desse tipo, e apesar dos obstáculos, o grande encontro foi um êxito triunfal. Algo assim como trezentos mil jovens acolheram o convite do Papa e no Domingo de Ramos participaram da Eucaristia na Praça de São Pedro. A massa de estrangeiros era muito superior à esperada, e contudo se desenvolveu de modo tão ordenado e exemplar que assombrou o mundo inteiro. O nonagenário cardeal decano Carlo Confalonieri, que havia acompanhado algumas fases da festa juvenil do terraço da basílica vaticana, observou: «Nem sequer os romanos mais velhos podem recordar algo semelhante».”



determinado do mundo. Nos outros anos, celebra-se a Jornada Mundial da Juventude no Domingo de Ramos, em cada diocese.

Em 1987, os jovens foram convocados a Buenos Aires, capital argentina, onde um milhão de jovens escutaram, da boca do papa, que são a “esperança da Igreja”. Dois anos depois, 600 mil jovens foram em peregrinação ao santuário espanhol, na cidade de Santiago de Compostela.

Depois da queda do Muro

Em 1991, 1,5 milhão de participantes participaram da Jornada, no santuário mariano da cidade polonesa de Czestochowa. Depois da queda da “cortina de ferro”, essa foi a primeira ocasião em que os jovens do Leste Europeu puderam participar sem problemas do encontro.

Meio milhão de jovens encontraram o Papa João Paulo II em 1993, na cidade americana de Denver. Diante do cenário das Rocky Mountains, o Papa chamou os jovens a não terem vergonha do Evangelho e irem ao encontro dos demais.

O maior encontro de todos os tempos teve lugar em 1995, por ocasião da Jornada Mundial da Juventude em Manila (Filipinas): 4 milhões de jovens aplaudiram o papa, que evocava a relação com o próximo.

Em 1997, foram muitos jovens que responderam ao convite do Papa para a Jornada em Paris, que terminou com um evento reunindo quase um milhão de pessoas. Lá, João Paulo II deu um testemunho vivo aos jovens, convidando-os a tomarem as ruas do mundo, da humanidade, sem perder a união à Igreja de Cristo.

O Jubileu do ano 2000 converteu-se também no jubileu das Jornadas Mundiais da Juventude. Mais de 2 milhões de jovens reuniram-se em Roma para estar com o Emanuel, Deus conosco, e ouvirem o chamado à santidade feito por João Paulo II.

A cidade canadense de Toronto foi o palco do encontro de 2002, quando 800 mil jovens encontraram-se para a última Jornada com o peregrino João Paulo II. O Papa lembrou a todos que o espírito jovem é algo que não pode ser sufocado. Em sua despedida, João Paulo II preparou os jovens para o encontro na Alemanha. Ao final das jornadas anteriores, ele costumava saudar os jovens dizendo que retornaria a vê-los no encontro



seguinte. Naquela ocasião, não disse que estaria, mas lembrou a todos que Cristo os esperaria na Alemanha.

Com Bento e a benção de João Paulo

A Jornada de 2005, em Colônia, na Alemanha, foi a primeira com dois papas: um com os jovens em Marienfeld (Campo de Maria) e outro intercedendo pelo encontro lá do céu. Mais de um milhão de jovens se ajoelharam junto com Bento XVI na vigília de 20 de agosto, repetindo o gesto dos Três Reis Magos, que saíram do Oriente para adorar o Emanuel.

O encontro mundial dos jovens seguinte com o sucessor de Pedro foi em Sydney, em julho de 2008. A JMJ da Austrália não foi a maior de todas, mas encheu com a graça do Espírito Santo a sociedade australiana, muito marcada pelo ateísmo. Foi uma renovação na igreja local, vinda pelo Rosto Jovem do Corpo de Cristo.

Pela primeira vez na história, em 2011, um mesmo bispo foi o anfitrião de duas JMJs. O cardeal de Madri, Antônio Maria Rocco Varela, era bispo de Santiago de Compostela durante a JMJ de 1989, e também esteve à frente da organização da Jornada de Madri, que reuniu quase 2 milhões de jovens na missa de encerramento.

Evento em mudança

Uma característica interessante da Jornada Mundial da Juventude é o seu caráter evolutivo, em permanente mudança. Os primeiros encontros, na década de 1980 eram de um dia (Domingo de Ramos) e, gradativamente, foram ampliados. Mais programações surgiram, como a Via-Sacra, as catequeses dos bispos e as partilhas com os jovens. Depois, surgiram os Festivais da Juventude. Logo antes da Jornada de Paris (1997), outra proposta nasceu: conhecer a realidade cultural, social e eclesial do país sede, começavam os Dias nas Dioceses.

O Brasil propôs uma nova mudança, inserir na semana de preparação à JMJ um caráter eminentemente missionário, à luz do convite do Documento de Aparecida para a Missão Continental, da Campanha da Fraternidade 2013 e do próprio tema da JMJ Rio2013 “*Ide e fazei discipulos entre todas as nações*” (Mt 28,19). A proposta feita pelos



bispos brasileiros ao Pontifício Conselho para os Leigos foi de transformar em Semana Missionária os dias que antecedem o grande evento no Rio. Durante essa semana, jovens brasileiros e estrangeiros irão, como discípulos missionários, às comunidades, para anunciar Cristo com a vida e a palavra.

2 Joao Paulo II e as JMJs

Um dos padroeiros da Jornada Mundial da Juventude Rio 2013, João Paulo II seguramente destacou-se como o criador e o principal propagador desse encontro. Durante um seminário de reflexão sobre as Jornadas Mundiais da Juventude em 1996, em Czestochowa (Polônia), João Paulo II escreveu uma carta ao então presidente do Pontifício Conselho para os Leigos, cardeal Eduardo Francisco Pironio, e definiu o objetivo desses encontros de fé.

“O principal objetivo das Jornadas é fazer a pessoa de Jesus o centro da fé e da vida de cada jovem, para que Ele possa ser seu ponto de referência constante e também a inspiração para cada iniciativa e compromisso para a educação das novas gerações.”²

Considerada como um momento de pausa para voltar a centralizar-se em Cristo, para anunciá-lo logo ao mundo, a JMJs, como afirmou o papa no mesmo documento, não pode ser desvinculada de uma pastoral juvenil da Igreja local.

Esse acontecimento, “suscitando uma maior ação apostólica entre os jovens, não quer isolá-los do resto da comunidade, mas fazê-los protagonistas de um apostolado que contagie as outras idades e situações de vida no âmbito de uma nova evangelização”.

3 Os desafios e críticas desse tipo de encontro³

Há quase trinta anos que acontecem as Jornadas Mundiais da Juventude, um evento capaz de mobilizar as jovens gerações.

² Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/letters/1996/documents/hf_jp-ii_let_19960508_czestochowa-gmg_sp.html>.

³ Estes elementos encontram-se no livro de Franco GARELLI, “L’Italia cattolica nell’epoca del pluralismo”, Il Mulino, 2006, p. 75-91.



Tais eventos não são imunes a críticas. O receio é que as dinâmicas religiosas de multidão possam alimentar adesões de fé pouco profundas e convictas, resultando disso uma fé mais exibida do que vivida.

O Documento 85 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), sobre Evangelização da Juventude, fala como “grandes eventos” como a JMJ não podem estar dissociados do acompanhamento pastoral no processo de formação integral de jovens nos pequenos grupos.

O grande perigo de encontros como esse é não refleti-lo e não realizá-lo dentro de um plano pastoral de maior envergadura, que faça parte de um processo trabalhado. O trabalho da Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude, em articulação com os regionais e as paróquias, é de refletir sobre como potencializar a atuação do jovem discípulo sendo missionário. Podemos elencar várias oportunidades geradas com a Jornada: peregrinação da Cruz dos Jovens e do Ícone de Maria, eventos preparatórios, subsídios de formação e Semana Missionária.

A maioria dos jovens participantes desses encontros provém de movimentos e associações eclesiais. Tais eventos atraem, naturalmente, também jovens que não fazem parte dessa área de militância religiosa; entre estes sobressaem os jovens que se caracterizam por uma contínua busca de experiências religiosas intensas ou marcadas pelo nomadismo. Nem faltam os jovens tocados pelo fascínio de última hora. Mas o que impressiona positivamente é o processo de preparação às vésperas do encontro. Tudo isso se torna uma forma positiva de ação, pois a fé “jovem” precisa de referências seguras, num tempo carente de propostas coletivas e marcado pela incerteza. Há também a necessidade de partilhar uma fé planetária, que se enriquece no confronto multicultural e se encontra com os valores da solidariedade e da paz e se interroga diante dos males do mundo.

A diversa representatividade

Esses encontros provocam reações diferentes nos jovens católicos dos diversos países; a presença desigual à JMJ parece depender da diferente capacidade ou vontade das diversas Igrejas de aderir a esse tipo de encontro, aos custos financeiros desse empre-



endimento e também ao peso diverso que o associativismo católico tem nas diferentes nações. As grandes associações católicas estão habituadas, de certa forma, a organizar ou participar de pequenos ou grandes eventos, e por isso a sua adesão à proposta da JMJ já é uma prática difundida e bastante conhecida. Grande número de congregações e associações realiza encontros juvenis mundiais na véspera da JMJ para que os jovens daquela expressão possam alimentar sua vivência de fé com testemunhos de diferentes partes do mundo.

Não está dito que um fenômeno como a JMJ possa revitalizar o tecido cristão em ambiente fortemente secularizado, ainda que consiga, certamente, contribuir para consolidar na sociedade uma imagem vital da Igreja e dos grupos religiosos, e confirmar o dinamismo da tradição onde ela está mais radicada e difundida.

A nota positiva vem, sobretudo, do grande envolvimento das dioceses e das paróquias, que lhes permitiu sair dos limites do próprio território para estabelecer relações mais amplas.

Pontos fortes do associativismo

A participação nesse tipo de experiências vem da variedade de propostas típicas do associativismo de origem religiosa. Assim, há o tempo da vida cotidiana caracterizado pelos compromissos ordinários, e depois, o tempo extraordinário, constituído de experiências e momentos particulares.

Um outro aspecto que distingue os grupos eclesiais é a possibilidade de oferecer aos jovens ambientes visíveis, onde não encontram apenas uma proposta cultural ou religiosa, mas participam de uma experiência de vida. E ainda, trata-se de realidades que atribuem grande valor à dimensão educativa, que se articula, quer num conjunto de conteúdos, de modelos de comportamento, quer num estilo comunitário e organizado de acordo com os ideais e valores propostos.

A proposta de ideais e valores não é dada de uma vez para sempre, e isto é um aspecto que atrai os jovens de hoje imbuídos pelo contexto atual que privilegia o modelo do percurso e da viagem, da busca contínua.



Traços comuns

Como seus coetâneos, os jovens católicos querem viver uma juventude prolongada, adiar as opções fundamentais, manter-se abrigados na casa dos pais. Antes de ser católicos, portanto, eles são jovens. Quem faz parte de um grupo, vai adotando um sentido de pertença sem atribuir a esse liame um caráter totalizador, reunindo na própria vida mais âmbitos culturais, mais condições. Assim, pode-se estar no grupo eclesial e contemporaneamente perceber a exigência de fazer parte de outros grupos informais.

Entre os jovens católicos não faltam sujeitos caracterizados por um fraco sentido de identificação na Igreja e no modelo oficial de religiosidade. Nesse sentido, eles se encontram mais num pequeno grupo de pertença.

Elementos de diferenciação

O fato de pertencer a grupos religiosos cria neles também situações distintas. Os jovens ligados a esta realidade geralmente vêm de famílias de orientação religiosa, interessadas em oferecer a seus filhos ocasiões de formação pessoal.

São indivíduos que parecem caracterizar-se por uma visão sóbria e essencial da existência, assinalar-se por uma disposição de ânimo construtiva, com a propensão ao serviço e à solidariedade, acompanhada de certo espírito comunitário. Assinalam-se também por uma concepção da vida e do mundo aberta ao mistério e à transcendência.

Nova sensibilidade pela religião

Na nova sensibilidade religiosa entra a redescoberta do carisma, e a busca de uma religião da experiência com forte acento emotivo e comunitário, que procura uma expressão da fé mais envolvente, não isenta de vínculos afetivos e de traços intimísticos.

É difusa a procura de uma religiosidade que fale mais a linguagem das emoções do que da razão, que faça maior pressão sobre a pesquisa e a dúvida do que sobre a verdade e as certezas. Portanto, prevalece a



procura de “novos santuários”, de ambientes em que se é confirmado na própria busca religiosa.

Trata-se de um tipo de sensibilidade religiosa particularmente atraente para grandes personalidades; os jovens são sensíveis aos líderes carismáticos e às figuras que com sua vida testemunham os ideais que proclamam. À sociedade da imagem paga-se a espetaculosidade da religião, que não é totalmente negativa se acompanhada por um impulso espiritual.

4 Os frutos

Em um discurso para a Cúria Romana no final de 2011⁴, Bento XVI apresentou cinco frutos que a vivência da Jornada Mundial da Juventude traz.

Universalidade

O primeiro ponto, afirma o papa, é a experiência da catolicidade, da universalidade da Igreja, vivenciada durante os dias da peregrinação. Jovens de línguas e costumes de vida diversos e, no entanto, todos sentem-se unidos como família. Separação e diversidade exteriores ficam relativizadas. O fato de todos os seres humanos serem irmãos e irmãs, segundo Bento XVI, não é apenas uma ideia mas torna-se uma experiência real na Jornada. “E assim compreendemos também de maneira muito concreta que, apesar de todas as fadigas e obscuridades, é bom pertencer à Igreja universal, à Igreja Católica, que o Senhor nos deu.”⁵

Serviço

O papa destaca também, como marca da Jornada Mundial da Juventude, o ser cristão e oferecer-se aos demais. Ele lembrou o trabalho dos 20 mil voluntários que estiveram em Madri para servir, por semanas ou meses, a outros milhares de jovens. “O tempo dado tinha um sentido;

⁴ BENTO XVI, *Discurso por ocasião da troca de votos natalícios com os cardeais, a cúria romana e a família pontifícia*. 22 de dezembro de 2011.

⁵ Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2011/december/documents/hf_ben-xvi_spe_20111222_auguri-curia_po.html>.



precisamente no dom do seu tempo e da sua força laboral, encontraram o tempo, a vida. E então tornou-se-me evidente uma coisa fundamental: estes jovens ofereceram, na fé, um pedaço de vida”. Segundo Bento XVI, esse é um comportamento propriamente cristão.

Adoração

Um terceiro elemento que vai, de forma cada vez mais natural e central, fazendo parte das Jornadas Mundiais da Juventude e da espiritualidade que delas deriva, é a adoração. “Em Cristo ressuscitado, está presente Deus feito homem, que sofreu por nós porque nos ama. Entramos nesta certeza do amor corpóreo de Deus por nós, e fazemo-lo amando com Ele. Isto é adoração, e isto confere depois um cunho próprio à minha vida.”

Penitência

Outro ponto apresentado pelo papa Bento XVI como fruto das JMJs é o retorno ao sacramento da penitência. Esse retornar vem, de acordo o Santo Padre, da necessidade da humildade que sempre de novo pede perdão a Deus, que se deixa purificar e que desperta na humanidade a força contrária, a força positiva do Criador.

Alegria

O último fruto apresentado pelo papa é a vivência da alegria cristã. Na opinião de Bento XVI, esse fruto é derivado da fé que permite o jovem dizer: sou desejado; tenho uma missão na história; sou aceito e amado. “Quem não é amado, também não se pode amar a si mesmo. Este saber-se acolhido provém, antes de tudo, doutra pessoa. A fé faz-nos felizes a partir de dentro. Esta é uma das maravilhosas experiências das Jornadas Mundiais da Juventude.”

De acordo com dom Carlos Aguiar Retes, arcebispo de Tlalpan (México) e presidente do Conselho Episcopal Latinoamericano (Celam), as jornadas foram uma intuição profética do Papa João Paulo II.

“O Papa, tendo uma alma e um coração que nasce com os jovens e para os jovens, havia constatado a força que eles têm. Estas jornadas



têm muito que contribuir; estão sendo promotoras de uma pastoral mais organizada nas dioceses. Estão sendo geradoras de processos de seguimento de Cristo para o jovem, para conhecê-lo melhor; também para descobrir a vida da Igreja...⁶”.

Para o bispo mexicano, a Jornada de Colônia, Alemanha, em 2005, trouxe como frutos “o crescimento dos jovens em sua fé, a consciência de que a Igreja é universal, a necessidade de seguir buscando expressões, de pôr em comum, de compartilhar a solidariedade, ou seja, eu creio que este encontro será sangue fresco para renovar à Igreja.”

A experiência de acolher uma Jornada Mundial da Juventude em sua própria diocese perdura na mente e no coração do cardeal Joachim Meisner, arcebispo de Colônia. Em uma entrevista publicada no L’Osservatore Romano de 9 de setembro de 2005, ele comenta a vivência do evento: A preparação da Jornada fez com que a Arquidiocese de Colônia criasse em todas as paróquias numerosos grupos compostos de jovens que se ocuparam dos preparativos espirituais e organizacionais. De acordo com o cardeal, esses jovens são naturalmente os multiplicadores que podem transmitir o impulso da Jornada Mundial da Juventude nas paróquias, nos grupos, nas famílias.

As JMJs se tornaram um momento privilegiado dos jovens com a universalidade da Igreja. Primeiramente é um encontro com Cristo e seu vigário, e justamente por isso se evita o uso de ser somente um “evento”. Verdadeiramente muitos jovens decidiram por uma vida mais radical após a experiência de serem peregrinos por alguns dias em uma MJM. É o encontro com Cristo que transforma.

A caminho de Madri, para a Jornada Mundial da Juventude, ano passado, o Papa foi questionado sobre os frutos, levando em consideração que muitos desses jovens, após o entusiasmo, voltam para suas casas como se nada tivesse acontecido. Continuarão a vida sem nenhuma mudança consistente, poderiam nem voltar à Igreja e muito menos engajar-se em alguma pastoral. Bento XVI respondeu que a missão da Igreja é semear, mesmo sabendo que nem todas as sementes irão dar fruto. “Certamente, muito se perde, e não podemos dizer imediatamente: a partir de amanhã recomeça um grande crescimento da Igreja. Deus não

⁶ Entrevista concedida em 29-08-2005. Disponível em: <<http://www.zenit.org/article-8551?l=portuguese>>.



age assim. Mas cresce em silêncio e muito. (...) Embora as estatísticas não se pronunciem muito, a semente do Senhor realmente cresce e, para muitos jovens, será o início de uma amizade com Deus e os outros, de uma universalidade do pensamento, de uma responsabilidade comum, que deveras nos mostra que estes dias dão fruto.”⁷

E-mail do autor:
anisioscj@yahoo.com.br

⁷ Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2011/august/documents/hf_ben-xvi_spe_20110818_intervista-madrid_po.html>.